

LITERATURA INFANTIL

— ETERNO CAVALO DE BATALHA

por FREDERICO ALVES

Ainda não há muito que se debateu em «Sol Nascente» o problema insolúvel até agora da literatura infantil. Será, portanto, ocioso, vir mais uma vez batalhar no mesmo campo, exibir uma chaga tantíssimas outras vezes posta a nú, armar em Magriço de uma causa estafada mas que, mesmo assim, parece ter fôlego para eternizar-se?

Pensamos que não. E' certo que aqui e além há (entre este e o artigo a que indiretamente se alude) identidade no modo de encarar a questão — o que, até certo ponto, será uma parcela de justificação da verdade de alguns dos nossos pontos de vista. Pelo menos julgamos ter a certeza de que a maioria do público — do público interessado, bem entendido — concordará conosco em que é necessário estudar cuidadosamente o problema da literatura infantil. Mas — perguntar-nos-ão — não temos nós de sobra literatura infantil? De facto, têmola de sobra. O pior é que, por mais paradoxal que isso nos pareça, não temos literatura infantil absolutamente nenhuma (convimos em que isto parecerá a muita gente sensata afirmação leviana de menino em busca de evidência). Procuremos entender-nos. A literatura infantil parece ter merecido de muitos o melhor de seu esforço, de sua boa vontade. Abundam, em proporção com o acanhado do nosso meio tradicionalmente refractário, as publicações infantis, os livrinhos de histórias azuis (histórias amenas de muitas Velhas Totónias). No entanto é acanhado (será preferível ler-se o superlativo) o horizonte desses contos. Acanhado se atendermos — e como se compreende que haja quem não atenda? — às condições de vida de hoje tão diversas das condições de vida de ontem (há quem diga que não; que o homem de 1938 é igual ao de 1908, como este era igual ao de mil oitocentos e qualquer coisa; de mais há quem tenha notado que ainda há adeptos dos faraós...). Porque, se persistimos na adaptação de velhos contos hindús (por vezes esse seria o mais pequeno dos males), na deturpação de aventuras mais ou menos cavalleirescas de uma idade média tôda convenções e mentiras (convenções e mentiras em nome de uma maior compreensão por parte da criança), na renovação constante das edições *moira encantada* e *fadadas e varinhas* — então somos forçados a con-

cluir que, apesar de pregarmos inovações e revoluções e modernismos e espiritos do século, em matéria de contos para crianças marchamos na cauda do progresso. Lá fora tem-se feito *qualquer coisa* de novo neste sentido. Mas o que se tem feito lá fora não pode entre nós aplicar-se sem uma adaptação cuidada em função das condições de existência da nossa criança, condições essas que implicam a situação económica e o grau de instrução e de educação, a posição da nossa infância apegada por tradição às quatro paredes do lar familiar. Portanto, até mesmo a utilização de *literatura importada* não pode deixar de merecer dos contistas infantis um critério escrupulosamente orientado.

Tem-se usado o maravilhoso a cada passo; melhor — tem-se abusado dêle. Mas do maravilhoso que é sômente maravilhoso. Daquele que faz erguerem-se cidades e castelos ou sumirem-se dragões e génios maus pelas simples interferência e omnipotência de um pauzinho mágico. Quere isto dizer (esta condenação do excesso) que deva pôr-se de parte o factor *maravilhoso* na literatura infantil? De modo nenhum. O maravilhoso é sempre uma projecção do humano; mas uma projecção ampliada. Um diabo, por exemplo, generalizando, um *ser maléfico* é-nos representado por um homem, uma planta ou uma pedra, homem, planta ou pedra com atributos de maldade característicos.

Evidentemente que um diabo só deveria ser apresentado sob a forma de um homem. Tôdavia o autor pode permitir-se — todo aquê que se *supõe* autor acha-se no direito de permitir-se todos os absurdos — colocar a acção da história num mundo que não seja humano (exteriormente humano), quere dizer, no mundo vegetal, no mundo mineral ou, ainda, nesse massacrado ambiente do reino animal — que é como quem diz no seio dos animais irracionais. Qual é o resultado da experiência? Surgirem pinheiros, callhaus ou simplesmente burros pensando e agindo como homens maus (ou bons; mas maus porque falamos de *diabos*). A variedade de ambientes para localização de intrigas fáceis de histórias para meninos não compensa dos erros em que possivelmente induzirá os pequeninos leitores, erros que teremos de desbravar porquanto, se tal se não fizer, corremos o risco de

os ver reecer um seixo ou um lagarto inofensivo.

Mas voltemos propriamente ao conceito de maravilhoso. Ficamos em que o maravilhoso é sempre uma projecção da realidade. Temos que ver agora quando é que essa projecção sai dos limites da possibilidade de realizações humanas, mesmo aceitando uma certa amplitude que seja exagero, mas *exagero humano*. Concretizando. Um determinado mancebo (o tema é idiota; no entanto servimo-nos dêle porque é dos mais generalizados) pretende ir salvar a donzela amada de um perigo iminente. Para isso com tôda a força da sua *vontade*, mas *unicamente* da sua vontade (sem auxilio de passarinhos mensageiros, de princesas encantadas que se transformam em cavalos alados), êle logra vencer contratempos e riscos sem fim, que outro qualquer, de vontade fraca ou, até, de vontade média, em circunstâncias análogas não conseguiria ultrapassar. Aqui — e desde que os obstáculos vencidos sejam de facto obstáculos possíveis — mesmo que haja ampliação da força humana, o maravilhoso não é de deitar fora porque dessa luta titânica do mancebo que chega, enfim, aos braços da sua amada, pode resultar a conclusão de que «somos nós quem traga o nosso próprio caminho, somos nós que fazemos o destino».

Demais, o público miúdo de hoje prefere as aventuras intrépidas de cavaleiros do Oeste americano, de aeronautas arrojados que se lançam na conquista de mundos desconhecidos, de marinheiros audazes em briga constante com os elementos furiosos. O público miúdo prefere justamente aquelas histórias que são menos histórias e um pouco mais de vida, relegando para o canto das inutilidades a fada e a varinha. Diga-se de passagem que o gosto das crianças é amplamente satisfeito. O que não quere dizer que o problema da literatura infantil se resolva com capitais Morgan ou Texas Jack.

Claro que Morgan, Jack ou Holmes são exemplos flagrantes de tenacidade e força de vontade. Mas na criança não nos interessa estimular, exclusivamente, a força de vontade.

Outros problemas, e muitos, nos devem prender a atenção. A higiene, a solidariedade, a gradual aquisição de conhecimentos, e tantos, tantos outros, são aspectos a considerar

e ponderar na literatura infantil.

E não esquecer, sobretudo, que se impõe uma literatura humana, uma literatura em que o mundo seja mundo com suas grandezas e misérias (para quê teimar em mostrar-lo côr de rosa?), com suas cobardias e altruismos, tudo adentro dos muros da possibilidade humana, e não uma literatura em que o mundo seja apenas um baile de máscaras, um teatro de feira, um antro de fantasmas.

Apontar às crianças o caminho da vida, ensaiar-lhes os primeiros passos; nunca afastá-las dêle, entrar-lhes o andar — eis a missão principal da literatura infantil.

A influência do tempo na crítica literária

(continuação da página anterior)

A crítica faz-se de conhecimento e de comparação. Ora ninguém menos indicado para fazer crítica do que o literato especializado noutro sector, a não ser que excepcionalmente dotado. Não é ao poeta, ao romancista, ao dramaturgo, mas ao crítico, que deve pedir-se crítica. O elemento de que essencialmente vivem as diversas manifestações literárias, a emoção, prejudica o exercício da crítica, de sua natureza anti-emotiva. Esse facto, junto aos preconceitos de escola e de grupo, que leva a aceitar-se como bons apenas os processos literários seguidos e mais nenhum outro, dá como resultado a insensibilidade crítica com que se anulam reputações literárias, ainda há pouco consideradas sólidas, levando a desorientação às gerações que se preparam, ou privando-as de conhecerem e admirarem valores que só diminuíram porque escreveram noutro tempo, com outro estilo e enfrentando assuntos de outra época. Essa insensibilidade crítica é ainda, paradoxalmente, de natureza emotiva. E' a paixão pelos seus processos literários que leva êsses literatos a condenarem todos os processos alheios.

Julgo interessante coartar os efeitos dessa tentativa de desagregação literária. E', no fundo, uma obra de inteligência, porque de maior consciência crítica. E seria sumamente interessante que o crítico, especializando-se, renunciasse a outro género literário que não fôsse o ensaio, e que o literato, seguindo irresistível vocação, desistisse de exercer tôda e qualquer actividade crítica.